

An abstract painting on the left side of the page, featuring a mix of warm colors like orange, yellow, and red, with dark, textured shapes in the foreground that resemble a large, dark, possibly metallic or organic form. The background is a lighter, textured wash of colors.

Editorial

# *Silêncios, silêncios*

Erika Parlato-Oliveira  
Sergio Lopes de Oliveira

O silêncio nos incomoda e instiga. Objeto de admiração e repulsa, conserva a ambiguidade de ser tudo o que pode e tudo o que não pode ser dito. Os impedimentos institucionais e do próprio sujeito fazem o silenciamento do que poderia ou queria ser dito, deixando ouvir o barulho estrondoso da censura.

Mas ele, o silêncio, é muito mais do que ausência de sons ou ruídos, é a presença marcante de uma linguagem expressiva e plena de sentidos, um significante como nenhum outro, uma obra sempre aberta ao devir.

Fazer silêncio é condição da escuta, é nele que se revelam as possibilidades do dizer. A escuta silenciosa, para além do respeito ao outro, é o que permite a expressão sem os valores que impregnam nossos pensamentos e palavras. Já a escuta do silêncio do outro, é uma prá-

tica corrente que se executa mesmo sem saber, mas muitas vezes feita, sem o silêncio necessário. Frente ao silêncio completamos violentamente as lacunas discursivas ainda abertas e em busca de palavras ou, construímos explicações onde o silêncio já é o sentido final.

A leitura que cada vez é menos audível, silenciada pelos modelos educativos, e que inviabiliza o projeto de leitura de um Finnegans, busca nos silêncios do texto inserir palavras supostas e ilusórias não proferidas pelo autor, transforma o texto não somente com interpretações mas também com novas formações enunciativas alheias ao autor.

Nossa percepção, longe de ser um guia fiel para o real, preenche os espaços aparentemente vazios construindo uma realidade que não se conforma com o aparente. A epêntese perceptual nos mostra como o sujeito utiliza sua língua para ouvir o que não foi produzido pelo outro, a presença fantasmática de uma vogal no silêncio, de um encontro consonantal não pertencente àquela língua, como um [dv], cria a certeza do som onde havia o silêncio.

Som e silêncio são expressões distintas da linguagem, o sujeito faz com cada uma destas matérias suas formas de expressão, enquanto a primeira busca a precisão e exatidão, nunca alcançada, na escolha e produção de significantes, o silêncio exprime a vastidão de nossas verdades incertas.

Os textos deste número dedicado ao Si-

lêncio, evocam, cada um à sua maneira, formas de análise do silêncio.

Eni Orlandi nos brinda com uma nova análise deste tema que foi objeto do seu livro memorável "As formas do silêncio" (leitura incontornável para todos os que lidam com as expressões silenciosas). Winfried Nöth constrói uma leitura filosófica que, atravessada pela sua erudição, nos convoca a ouvir o manifesto silencioso de Haydn. Lauro Barbosa da Silveira explora, via semiótica, a imensidão que evoca o silêncio ao nos depararmos com o outro e com tudo o que o cerca, de suas impossibilidades, ao lugar que ele ocupa na relação com o todo. O ensaio de Walter Carnielli nos mostra numa análise lógica da negação e como a paraconsistência construiu uma solução para lidar com as contradições que eram rejeitadas, "silenciadas", pela lógica clássica. Ricardo Goldenberg trata do silêncio a partir de um texto fantasmático silenciado pela brancura das palavras de onde o leitor só encontra pistas nas notas que o fazem supor o texto evanescido fantásticamente, as notas transformam-se no texto concebido com aforismas. Como Composição final deste número Maria Betânia Parizzi e João Gabriel Marques Fonseca selecionaram a música que John Cage fez com o silêncio na sua obra 4'33".

A linguagem do silêncio transpassa as produções mais ruidosas e permanece presente mesmo depois de se transmutar em ato. A criação de um ato ocorre na gestação do silêncio.